

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Gabriela Nery

NOS ESCRITÓRIOS DA RUA DO
OUVIDOR: A IMPRENSA E O OFÍCIO
DOS JORNALISTAS NA PASSAGEM DO
SEGUNDO REINADO À PRIMEIRA
REPÚBLICA (1875-1891)

NERY, Gabriela

NOS ESCRITÓRIOS DA RUA DO OUVIDOR: A IMPRENSA E
O OFÍCIO DOS JORNALISTAS NA PASSAGEM DO SEGUNDO
REINADO À PRIMEIRA REPÚBLICA (1875-1891)

R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 182 (485): 111-138, jan./abr. 2021

Rio de Janeiro
jan./abr. 2021

NOS ESCRITÓRIOS DA RUA DO OUVIDOR: A IMPRENSA E O OFÍCIO DOS JORNALISTAS NA PASSAGEM DO SEGUNDO REINADO À PRIMEIRA REPÚBLICA (1875-1891)¹

IN THE OFFICES ON OUVIDOR STREET: THE PRESS
AND THE PROFESSION OF JOURNALISTS DURING THE
TRANSITION TIME BETWEEN THE SECOND REIGN AND
THE FIRST REPUBLIC (1875-1891)

GABRIELA NERY²

Resumo:

Esse artigo investiga as mudanças pelas quais passou a imprensa na cidade do Rio de Janeiro durante o último quartel do século XIX. Analisando sobretudo a trajetória da *Gazeta de Notícias* em compasso com outros periódicos, tem-se um processo coletivo de mudanças nas configurações dos grandes jornais, em vias de constituírem-se como verdadeiras empresas jornalísticas. Essas alterações impactaram centralmente o ofício daqueles que trabalhavam para as folhas, em especial, os jornalistas, o que pode ser percebido nos próprios usos dessa categoria para designar determinados intelectuais, especialmente a partir da década de 1890. A cidade do Rio de Janeiro e a região da rua do Ouvidor são parte integrante do trabalho, que se serve do espaço circunscrito no qual circulavam os homens de letras do período. Para tanto, serão analisados estatutos de jornais, de associações beneficentes, bem como a imprensa do período, com destaque para a *Gazeta de Notícias* e o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, conhecido também como *Almanak Laemmert*.

Palavras-chave: Imprensa; Jornalistas; Segundo Reinado; Rio de Janeiro.

Abstract:

*The article investigates the changes that the press underwent in the city of Rio de Janeiro during the last quarter of the 19th century. When analyzing mainly the trajectory of the *Gazeta de Notícias*, in step with other periodicals, one notices a collective process of changes in the configuration of the major newspapers that were then about to become real newspaper companies. These changes had a central impact on the profession of those working for newspapers, especially on journalists. This may be noticed in the very use of this category to designate certain intellectuals, especially from the 1890s onwards. The city of Rio de Janeiro and the area around the Ouvidor Street were a key part of their work. It is a circumscribed space in which men of letters clustered during that period. In this context, we will analyze statutes of newspapers and charitable associations as well as the press of the period, with focus mainly on the *Gazeta de Notícias* and the *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, also known as *Almanak Laemmert*.*

Keywords: press; journalists; Brazilian Second Reign; Rio de Janeiro.

1 – Esse artigo é parte integrante da minha pesquisa de doutorado em curso, que trata do ofício e do processo de profissionalização dos jornalistas no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e primeira metade do século XX.

2 – Doutoranda em História Social pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: gabriela_nery@yahoo.com.



Figura 1: FERREZ, Marc. “Praça XV de Novembro, à esquerda o Paço Imperial, à direita o Arco do Teles e em frente a catedral da Sé, atual Igreja do Carmo”, 1903. Coleção Gilberto Ferrez – Instituto Moreira Salles.

Essa é a Praça XV de Novembro nos primeiros anos do século XX, localizada na freguesia da Candelária, região central do Rio de Janeiro. O registro foi feito por Marc Ferrez, um prestigioso fotógrafo carioca nascido no começo do Segundo Reinado, que percorreu ruas, rios, morros e praças da cidade feito um cronista visual, produzindo um extenso acervo imagético³. Era manhã quando a foto foi feita, o que pode ser notado pelas sombras das árvores em primeiro plano, apontando para a praça, ou mais facilmente constatado no relógio da torre da Capela Imperial, à esquina da rua Sete de Setembro, centralizada na imagem⁴. A capela era contígua à Igreja da Terceira Ordem do Carmo, a Antiga Sé, e marcava-se 9h35 da manhã. Às costas do fotógrafo não estava apenas o Sol nascente na região

3 – Grande parte de sua obra está em posse do Instituto Moreira Salles e pode ser consultada online. Disponível em: http://201.73.128.131:8080/portals/#/search?collection=Marc_Ferrez. Acesso em: 09.09.20.

4 – É possível fazer a aproximação necessária na fotografia em: <https://library.artstor.org/#/asset/27640083>. Acesso em 09.09.20

oceânica, mas também o Cais Pharoux e o Mercado da Praia do Peixe. A fotografia em si provavelmente foi tirada de cima do Chafariz do Mestre Valentim, reformado em 1789, de onde se abasteciam de água as casas da região e os navios que zarpavam da área portuária. É possível ver a sombra da ponta do chafariz na imagem, em formato triangular, com um círculo na extremidade.

É bastante plausível que, caso um observador se dirigisse à Praça XV uma década antes e se postasse próximo ao mesmo chafariz, teria uma visão panorâmica bastante próxima da captada por Marc Ferrez. A depender dos anos, poderia estar ausente o monumento equestre em homenagem ao General Osório, localizado no centro da praça e alinhado com a rua Sete de Setembro, inaugurado apenas em 1894. De todo modo, à esquerda, poderia ser visto como em toda a extensão da fotografia o edifício do Paço Imperial, transformado trivialmente na Agência Central de Correios e Telégrafos após a Proclamação da República. À frente dele, numa construção em formato de “L” que descia por todo o primeiro quarteirão da rua Sete de Setembro, estava o Convento do Carmo, que em seu terceiro pavimento abrigava, desde 1840, a sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Seguindo pela rua Direita, posteriormente rebatizada de Primeiro de Março, encontravam-se bastante visíveis a capela e a igreja, que também tomavam todo o lado oposto do quarteirão até chegar à sugestiva rua de Trás do Carmo.

Por fim, ainda seria possível ao observador da Praça XV ver o Arco do Teles no extremo direito da fotografia, na mesma linha horizontal da calçada, abaixo. Construído em meados do século XVIII para preservar a comunicação entre o antigo Largo do Paço com as vias para o Mercado da Praia do Peixe, ele formava uma passagem por dentro do conjunto de residências cons-

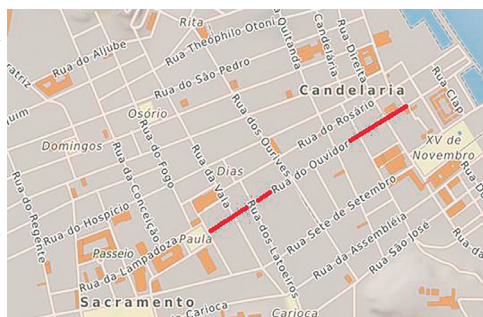


Figura 2: ImagineRio – 1891 (<https://imagerio.org/>).

truído pelo juiz português Antônio Teles Barreto de Menezes – aproveitando a então valorização da região no início do Setecentos. O Beco do Arco do Teles, como ficou conhecida a travessa, dava nos primeiros quarteirões da rua do Ouvidor, que percorria toda a freguesia da Candelária e parte da freguesia do Santíssimo Sacramento. Ele funcionava como um verdadeiro centro nevrálgico da cultura do Rio de Janeiro no século XIX, desembocando no Largo de São Francisco de Paula. Contínuo ao largo, em seu lado esquerdo e em direção à rua do Hospício, encontrava-se o famoso Magazine Au Parc Royal. Dali a duas quadras, descendo pela rua Lampadoza até ultrapassar a rua da Conceição, encontrava-se o Gabinete Português de Leitura – que se tornou “Real” apenas em 1906 – quase defronte para o Teatro São Pedro de Alcântara, hoje Teatro João Caetano.

Foi nessa região relativamente circunscrita do Rio de Janeiro que se consolidou um vigoroso mercado das letras e da informação, no último quartel do século XIX. Ele era constituído pelos escritórios dos periódicos, livrarias, tipografias e editoras – além dos cafês, confeitarias, teatros, associações – e todos os locais de sociabilidade fundamentais às redes tecidas nesse meio. Foi dentre essas ruas, especificamente no número 70 da rua do Ouvidor, que se deu a fundação, em 1875, do jornal *Gazeta de Notícias*, um verdadeiro ponto de inflexão nos modos de se fazer jornalismo no Brasil. A longevidade e a prosperidade do jornal fizeram com que seus escritórios, tão bem localizados, permanecessem os mesmos até a primeira metade do século XX, abrigando, inclusive, a assembleia que transformou o conhecido diário em uma verdadeira empresa jornalística, a Sociedade Anônima Gazeta de Notícias.

Essa assembleia ocorreu no dia 21 de janeiro de 1891, ao meio-dia. O local ficava quase na esquina com a rua de Trás do Carmo e estavam presentes os nove acionistas que tomariam parte no negócio. Para além da aprovação formal de um novo estatuto, que mantinha a folha como publicação diária e autorizava o comércio de materiais avulsos produzidos em sua tipografia, definiram-se uma série de questões sobre a organização do capital da nascente sociedade anônima. Naquele momento os bens da *Gazeta de Notícias* eram avaliados no montante de 2.000:000\$000 (dois

mil contos de réis), “em bens e efeitos⁵”, o que incluía a propriedade do imóvel em que se reuniam, o imóvel contíguo ao número 72 da rua do Ouvidor, e todo o aparato da tipografia do jornal, instalada a alguns quarteirões dali, no número 72 da rua Sete de Setembro. A oficina ficava num edifício quase no cruzamento com a rua dos Latoeiros, que à época já havia sido rebatizada de rua Gonçalves Dias. Ali, desde 1894, funcionou a Confeitaria Colombo, local de encontro dos mais diversos jornalistas e literatos.

Assim, nesse processo de transformação, foram dispostas 10 mil ações no valor de 200\$000 (duzentos mil réis) cada, que cumpriam todo o valor de mercado do jornal, totalizando os 2 mil contos de réis a serem pagos aos dois sócios da Araújo, Mendes & C., que juridicamente era proprietária da folha. Na divisão das importâncias, coube ao médico José Ferreira de Souza Araújo 1.750:000\$000 (mil setecentos e cinquenta contos de réis) e ao guarda-livros Elysio Gonçalves Mendes 250:000\$000 (duzentos e cinquenta contos de réis) – com esse último se retirando da sociedade. Já Ferreira de Araújo comprou 8.500 das 10 mil ações, se tornando o sócio majoritário da empresa. O segundo maior acionista seria Henrique Chaves, jornalista veterano e redator da folha por diversos anos. Ele compraria 650 ações⁶.

Diante desses números, talvez caiba apontar aqui, para que os valores não fiquem demasiadamente abstratos diante de cifras tão distantes que, em 1884, Machado de Assis recebia 10\$000 (dez mil réis) para cada uma de suas célebres *Balas de estalo* – crônicas publicadas em série na própria *Gazeta de Notícias* –, ou que o valor de um quarto de solteiro, em uma pensão no bairro aristocrático de Botafogo, custava 60\$000 (sessenta mil réis) mensais⁷. Diante disso, é possível obter dimensão concreta de como parte da atividade jornalística no Brasil havia se tornado um

5 – Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Fundo da Junta Comercial do RJ, “Sociedade Anônima ‘Gazeta de Notícias’”, Livro 49, Registro 1200, 1891.

6 – Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Fundo da Junta Comercial do RJ, “Sociedade Anônima ‘Gazeta de Notícias’”, Livro 49, Registro 1200, 1891.

7 – “Gazeta de Notícias”, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1917, p. 1 [autor ilegível].

negócio lucrativo, entre o final do Império e início da República. Assim, a Sociedade Anônima Gazeta de Notícias, então com 16 anos de existência e conhecida comumente como o jornal de Ferreira de Araújo, era um exemplo destacável.

Dr. José Ferreira de Souza Araújo. Era assim que o médico⁸ aparecia nominalmente na imprensa da capital do Império, no ano de 1869, como médico adjunto da Santa Casa de Misericórdia. Ele então residia na rua Sete de Setembro, número 121, e pelo que indicam os registros de sua atividade na cidade do Rio de Janeiro seus esforços estavam voltados para se firmar no ofício da medicina. Em 1872, além de conservar aquela ocupação, ele aparecia em outro local de atendimento, como um dos médicos da Caixa de Socorros Mútuos de D. Pedro V⁹, associação beneficente exclusiva a cidadãos portugueses, que prestava socorro aos que estivessem em situação de fragilidade social. O atendimento em mutuais parece ter sido um lugar promissor para Ferreira de Araújo, visto que em 1876, já fundada a *Gazeta de Notícias*, ele também constava como médico na Associação de Seguros Mútuos Garantia e Proteção¹⁰, além de ocupar o posto de conselheiro na Companhia de Benefícios Mútuos Fraternidade Brasileira¹¹.

Nesse meio tempo, o médico também começaria a demonstrar interesse mais direto pela vida pública e política da Corte, integrando a lista dos 40 eleitores da freguesia do Santíssimo Sacramento para o período entre 1872 e 1875¹². Dessa forma, além de médico atuante, Ferreira de

8 – Em artigo de 2014, César Braga-Pinto referencia Ferreira de Araújo como sendo alguém “mixed-race”, levantando a possibilidade de o médico ser reconhecido em seu tempo como não branco. Ver: BRAGA-PINTO, César. Journalists, Capoeiras, and the Duel in Nineteenth-Century Rio de Janeiro. *Hispanic American Historical Review*, 94: 4, Duke University Press, 2014.

9 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 29º Ano, 1872, p. 405.

10 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 33º Ano, 1876, p. 590.

11 – *Idem*, p. 542.

12 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 30º Ano, 1873, p. 19. Sobre a centralidade do processo de qualificação e registro de eleitores, ver LIMONGI, Fernando. Revisitando as eleições do Segundo Reinado: manipulação, fraude

Araújo aparentava interessar-se por questões que extrapolavam o exercício da medicina, ainda que seja difícil captar seu engajamento no local mais consagrado àqueles que incidiam sobre o debate público: a imprensa. De todo modo, dificuldade não significa ausência, e desde 1872 era possível encontrar nas páginas de um popular semanário ilustrado, *O Mosquito*, as poesias e textos de Lulú Senior, pseudônimo por ele usado durante toda sua atuação na imprensa¹³. Porém, quando aparecia como Dr. Ferreira de Araújo, era mais fácil encontrá-lo como partícipe de bancas de júri ou em notas sobre atendimentos realizados nas mutuais.

Elysio Gonçalves Mendes, a outra ponta da sociedade Araújo, Mendes & C., atuava no início da década de 1870 como o guarda-livros chefe do Banco Comercial do Rio de Janeiro. Tido como exímio contador e conhecedor profundo do mundo das finanças, ele assinava os balancezes do banco que eram publicados nos mais diversos jornais, junto aos dirigentes da instituição financeira¹⁴. Além disso, Mendes aparecia entre 1874 e 1876 como o responsável pelas finanças da Sociedade Brasileira de Seguros Mútuos Sobre a Vida, anexa ao Banco Comercial, permanecendo na função depois de já fundada a *Gazeta de Notícias*¹⁵. Entretanto, apesar do ofício imerso em cifras e cálculos, já havia no guarda-livros uma inclinação às letras que o fazia transitar pelos periódicos da época.

Entre as primeiras experiências mais formais de Elysio Mendes nesse universo, estava o cargo de redator em um jornal, o *X*, órgão de um clube carnavalesco da Corte. Sabe-se também que, ao menos entre 1862 e 1863, ele fez parte do Retiro Literário Português, como 2º secretário, o que é uma informação bastante relevante para acompanhar sua trajetória¹⁶. Isso porque, como o nome sugere, a associação era exclusiva para cidadãos portugueses, restrição expressa tanto nos estatutos de funda-

e violência. *Lua Nova*, São Paulo, n. 91, p.13-51, 2014.

13 – *O Mosquito*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1872, p. 3.

14 – *Rio Commercial Journal*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 5 jan. 1871, p. 3.

15 – *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 20 nov. 1874, p. 4.

16 – *Diário do Rio de Janeiro*, terça-feira, 16 set. 1862, p. 3.

ção de 1839¹⁷, quanto no seu estatuto reformado, de 1870¹⁸. Por fim, do que mais vale elencar por hora, Mendes também era colaborador d'*O Mosquito*, atividade que o colocou em contato direto com personagens importantes. Entre eles, Ferreira de Araújo e Manoel Carneiro, também fundadores da *Gazeta de Notícias*.

Em 1876, Carneiro aparecia como redator dos dois periódicos, mas não é possível afirmar com exatidão se ocupava essa posição n'*O Mosquito*, no início da década de 1870, ou se teria colocação ainda mais importante. Essa segunda possibilidade é aventada porque o endereço do escritório do semanário, até junho de 1875, era o da rua do Ourives, número 45¹⁹. Em julho, um mês antes de sair o primeiro número da *Gazeta de Notícias*, *O Mosquito* já constava na rua do Ouvidor, número 70²⁰, endereço que também apareceria, permanentemente, como dos escritórios da *Gazeta* a partir de agosto daquele ano. É possível que Carneiro fosse, pelo menos nos meados da década, proprietário do semanário ilustrado e uma pequena nota publicada n'*O Globo*, no ano de 1876, apontava as funções desempenhadas por ele. O escrito é um tanto ambíguo, deixando mais certa a sua posição de redator do que de dono, mas vale ser visto:

Hóspede distinto

Lemos na *Província de S. Paulo*:

Acha-se entre nós o senhor Manoel Carneiro, um dos redatores e proprietários da *Gazeta de Notícias* e d'*O Mosquito*, da Corte.

Se à frente daquele conceituado e florescente diário fluminense tem-se revelado hábil, ativo e consciencioso jornalista, como redator d'*O Mosquito* tem o senhor Carneiro firmado créditos de humorista fecundo e cintilante.

Cumprimentamos o digno colega de imprensa, estimável por tantos títulos²¹.

17 – Estatutos do Retiro Literário Português no Rio de Janeiro, fundado em 30 de junho de 1839. In: BRASIL, *Coleção de Leis do Império*, 1861, Parte II, Tomo XXIV, p. 498.

18 – Estatutos do Retiro Literário Português – no Rio de Janeiro. In: BRASIL, *Coleção de Leis do Império*, 1870, Parte II, Tomo XXXIII, p. 32.

19 – *O Mosquito*, Rio de Janeiro, 19 jun. 1875.

20 – *O Mosquito*, Rio de Janeiro, 10 jul. 1875.

21 – “Hóspede distinto”, *O Globo*, Rio de Janeiro, sábado, 8 jul. 1876, p. 3.

Quanto a Elysio Mendes, para além de um entusiasta do mundo das letras e guarda-livros reconhecido, ele já nutria aspirações de fundar uma folha diária no início da década de 1870. Ao menos, é o que sugeria o artigo escrito na *Gazeta de Notícias*, num pequeno balanço de sua trajetória, prestando homenagens após a sua saída do jornal, em 1891:

Esse *Mosquito* foi o ninho de que saiu a *Gazeta*; todos nós, mais ou menos temos um pouco de *Mosquito* na consciência; foi aí que começamos a atar rabos de papel ao manto imperial e a fazer troça às traquitanas de S. Cristóvão.

Quando foi fundado o primeiro *Diário de Notícias*, o Elysio esteve a ponto de perder o sono e o apetite; ia para lá espiolhar tudo, o que não lhe dava muito trabalho, por que o *Diário* era feito a *la diable*, sem organização alguma.

Quando o *Diário* deu à casca, apesar do sucesso do Juca Rosa, o Elysio pôs-se em campo, e pouco depois, ele, Manoel Carneiro e Araújo, com o auxílio de alguns amigos que tomaram quinhões comanditários, puseram na rua a *Gazeta*²².

O *Diário de Notícias*, de propriedade de A. Clímaco dos Reis, começou a circular exatamente no ano 1870 e seu último número foi publicado em 1872, numa primeira curta existência. Como se vê, os planos de Mendes pareciam ter sido atrapalhados pela iniciativa, que ao menos serviu de objeto para seu escrutínio, ainda que por pouco tempo. Por fim, 3 anos depois, ele fundaria um novo jornal junto a Manoel Carneiro e Ferreira de Araújo, e ainda que o nome de Carneiro seja frequentemente preterido nessa história, ele tomaria para si funções bastante centrais na organização inicial do jornal, evidenciando ser o mais experiente no ramo: ele foi o primeiro redator-chefe da *Gazeta de Notícias*²³. É interessante pensar sobre como três sujeitos de áreas bastante diversas – um médico, um guarda-livros e um jornalista – foram capazes de fundar um periódico que revolucionaria a imprensa no Império, já bastante desenvolvida na década de 1870. De acordo com um levantamento feito pelo *Diário de Notícias*, no ano do encerramento de suas atividades, havia 253

22 – “Elysio Mendes”, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, segunda-feira, 23 jan. 1891, p. 1.

23 – *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 1881-1882, Volume IX, I, p. 382.

folhas diárias em circulação em todo o Brasil²⁴, mas nenhuma havia assumido os moldes de funcionamento que tomaria a *Gazeta*.

O jornal foi finalmente fundado em 1875. Seu primeiro número estava programado para sair no dia 1º de agosto, mas a velha prensa Alauzet jogou contra os impressores e só foi funcionar pela madrugada do dia 2, trazendo, enfim, o número inaugural. Artur José Renda Vitorino afirma que a tiragem inicial era de 6 mil exemplares, o que seria um patamar elevado para o período²⁵. Entretanto, esse parâmetro já tinha sido estabelecido por outros jornais, como foi o caso do próprio *Diário de Notícias*. Considerando que Elysio Mendes parece ter se atentado bastante para organização daquele periódico, talvez essa tiragem tenha sido estabelecida inclusive tomando-o como exemplo. De todo modo, Vitorino afirma que após a saída de Manoel Carneiro do jornal – vendendo sua parte aos dois colegas – as tiragens aumentaram rapidamente para 13.500 exemplares²⁶. O autor cita ainda um relato de Manoel da Rocha²⁷, afirmando que esse processo havia se dado “depois que o sr. Dr. Ferreira de Araújo assumiu a direção da redação”. Em uma crescente, as tiragens chegaram a 24 mil exemplares em 1884, alcançando o número de 28 mil nas edições de domingo²⁸.

Diante disso, é importante enfatizar cronologicamente quando se deu esse ponto de inflexão importante na história da jovem folha. Em 1877 Carneiro já constava como um dos redatores do jornal *Diário Popular*²⁹ e

24 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 29º Ano, 1872, p. 760.

25 – VITORINO, Artur José Renda. *Operários e máquinas: mudança técnica e sindicalismo gráfico* (São Paulo e Rio de Janeiro 1859-1929). São Paulo: Annablume, 2000.

26 – *Idem*. Para um levantamento mais amplo e sistematizado das tiragens, ver ARAÚJO, Rodrigo Cardoso Soares de. *Caminhos na produção da notícia: a imprensa diária no Rio de Janeiro (1875-1895)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015, p. 32.

27 – Jornalista que colaborou em diversos jornais da cidade do Rio de Janeiro nas últimas décadas do século XIX, incluindo na *Gazeta de Notícias*, onde assumiria cargos diretivos após a morte de Ferreira de Araújo.

28 – VITORINO, Artur José Renda, *op. cit.*, p. 41; ARAÚJO, Rodrigo Cardoso Soares de, *op. cit.*

29 – *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 1881-1882, Volume IX, I, p. 377.

em 1878 a Araújo, Mendes & C. aparecia pela primeira vez no *Almanak Laemmert*, com seus únicos dois sócios e como proprietária da *Gazeta de Notícias*³⁰. A participação de Carneiro na *Gazeta*, portanto, durou menos de dois anos e sua saída também trouxe mais informações sobre as funções do jornalista n' *O Mosquito*. No final do ano de 1876, quando deixava o diário, a sede do periódico humorístico mudou-se junto com ele, passando da rua do Ouvidor, número 70, para a rua dos Ourives, número 35.

Com essa reconfiguração, Ferreira de Araújo e Elysio Mendes parecem ter imprimido um novo tino ao jornal, promovendo uma expansão vigorosa. Que ela tenha acontecido somente após a saída do então redator-chefe mostra que havia divergências irreconciliáveis entre os caminhos defendidos por ele e os que se seguiriam após 1877. Quem sabe Carneiro fosse mais afeito ao jornalismo tradicional que se praticava na época e divergissem do ponto de vista de Ferreira de Araújo. Ou ainda, que as divergências pudessem estar no campo da administração da folha, e então os embates se direcionariam mais centralmente a Elysio Mendes. Porém, é mais orgânico e plausível que a totalidade do projeto da *Gazeta de Notícias* só poderia avançar no compasso afinado entre redação e administração, sendo Carneiro voto divergente. De qualquer forma, seja qual fosse o caminho, é possível torná-lo mais inteligível trazendo a atuação dos que permaneceram, os sócios da Araújo, Mendes & C.

Quando se trata de Elysio Mendes, tinha-se que devotava seus esforços quase inteiramente para as finanças da *Gazeta*, raramente se aventurando em publicar textos, e quando o fazia, procurava tratar do mundo dos negócios. Foi ele, inclusive, que visitando a Exposição Universal de Paris, em 1878, resolveu adquirir a máquina rotativa Marinoni que estava em exposição, o modelo mais avançado produzido por Hippolyte Marinoni³¹. Assim, sua experiência de anos como guarda-livros numa das

30 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 35º Ano, 1878, p. 933.

31 – ARAÚJO, Rodrigo Cardoso Soares de, *op. cit.*, p. 41. Hippolyte Auguste Marinoni nasceu em Paris em 1823 e desde jovem trabalhou no ramo de maquinários para impressão. Foi o inventor das modernas impressoras rotativas em versões diversas, e teve como uma de suas grandes elaborações a rotativa que imprimia nos dois lados da folha e fazia o

principais instituições financeiras da Corte dava indícios dos tipos de racionalidade que poderia empregar ao periódico, do ponto de vista de sua gestão³². Para arrematar, é curiosa sua “biografia instantânea” publicada em 1877, revelando sobre o tom de sua fama:

ELYSIO MENDES

O rosto é cor de cera; onde vai leva o leque;

Bigode negro tem, que um touro já lambeu;

Leonardo-mirim, da *Gazeta* é o espeque,

E em nadar e poupar ninguém nunca o venceu.

Mirecourt Junior³³

Os efeitos de tê-lo, “Leonardo-mirim”, como responsável pela administração financeira do jornal podem ter se expressado de forma decisiva, especialmente porque parte das mudanças que atravessaram a imprensa do Rio de Janeiro foi, em certa medida, capitaneada por conta da capacidade material de expansão e circulação da *Gazeta*. Mais do que isso, essas inovações materiais também alimentavam o imaginário de modernização e desenvolvimento pretensamente civilizacional que atravessava o Brasil no período, imaginário esse que reservava espaço importante para os setores do transporte e das comunicações³⁴.

processo de dobra e corte dos jornais. Ele também se tornou dono de uma série de periódicos na França como *Le Petit Journal*, em parceria com Émile de Girardin, proprietário do popular *La Presse*.

32 – “Gazeta de Notícias”, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1917, p. 1. [autor ilegível].

33 – *O Mosquito*, Rio de Janeiro, 26 mai. 1877, p. 6.

34 – ARAÚJO, Rodrigo Cardoso Soares de, *op. cit.* Para uma análise das mudanças ocorridas no universo das revistas periódicas e seu processo de transformação técnico e empresarial, no início do século XX, ver GONÇALVES, Roberta Ferreira. O Malho, a imprensa empresarial e a criação da revista Tico-Tico. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, v. 9, n.1, p. 259-277, 2020. Já para o caso dos transportes, especialmente o transporte marítimo, cf. SILVA, Antonio Carlos Higino da. *Portos de Comércio: Tecnologia, Associacionismo e Redes de Sociabilidade: os desafios e as propostas modernizadoras de André Pinto Rebouças para o Brasil do Segundo Reinado (1850-1890)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019. O trabalho de Silva é especialmente interessante porque trata da modernização dos portos em Nova York, Marselha, Londres e Rio de Janeiro em perspectiva comparada, e ressalta como os avanços tecnológicos se davam em movimento atrelado a questões sociais, políticas e econômicas que conferiam valor positivo ou obstáculos significativos às mudanças trazidas

A rotativa Marinoni por ele adquirida, com capacidade de impressão de até 10 mil exemplares por hora³⁵, foi um salto importante no processo produtivo do jornal, ainda que as tiragens dos periódicos nacionais fossem muito abaixo da capacidade total do maquinário. Foi também a *Gazeta* a primeira a sustentar de forma permanente o preço do número avulso a 40rs (quarenta réis), desde a sua fundação, enquanto a maioria das folhas sequer operava nessa modalidade de venda. Outra inovação central estava na contratação de jornaleiros, vendedores de rua fundamentais não apenas para expandir o alcance geográfico da folha, mas também para o aumento das vendas, com suas técnicas de exposição oral e suas hábeis percepções de propaganda. Os jornaleiros eram capazes de equacionar o interesse de determinado público com as notícias específicas que lhe despertasse interesse, então cantando-as em voz alta nos pontos de maior circulação da cidade³⁶. Era possível, assim, ouvir e encontrar exemplares da *Gazeta* por diversos lugares do Rio de Janeiro, nas estações de bonde, quiosques, barcas, em todas as estações da Estrada de Ferro Pedro II, ou em qualquer esquina movimentada com a presença dos vendedores, não sendo mais necessário comparecer aos balcões da redação ou a uma livraria para o número avulso³⁷. Sobre tais mudanças, Machado de Assis, em trecho já célebre com suas avaliações sobre a atuação da *Gazeta*, afirmava que

Antigamente as folhas eram só assinadas; poucos números avulsos se vendiam e, ainda assim, era preciso ir comprá-los ao balcão, e caro. Quem não podia assinar o *Jornal do Commercio*, mandava pedir emprestado, como se faz ainda hoje com os livros, – com esta diferença que o jornal era restituído – e com essa semelhança: voltava mais ou menos enxovalhado. [...].

por novos instrumentos e teorias. Tais questões ecoavam dentro das disputas pelo domínio do espaço urbano dessas cidades, na segunda metade do século XIX, e no estabelecimento de projetos monopolistas. Ver especialmente o capítulo 2 “O Associacionismo: corporações, negociantes e associações na disputa pelo uso do espaço urbano”.

35 – “A inauguração da nossa máquina”, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 22 ago. 1879, p. 1.

36 – Sobre o papel da oralidade e leituras coletivas no cotidiano das notícias e dos jornais durante o século XIX, ver BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

37 – Prospecto da *Gazeta de Notícias*, 1875.

O bonde foi posto em ação, e a *Gazeta* veio no encalço. Tudo mudou. Os meninos, com a *Gazeta* debaixo do braço e o pregão na boca, espalhavam-se por essas ruas, berrando a notícia, o anúncio, a pilhéria, a crítica, a vida, em suma, tudo por dois vinténs escassos. A folha era pequena; a mocidade do texto é que era infinita. A gente grave, que, quando não é excessivamente grave, dá apreço à nota alegre, gostou daquele modo de dizer as coisas sem retesar os colarinhos. A leitura impôs-se, a folha cresceu, barbou, fez-se homem, pôs casa: toda a imprensa mudou de jeito e de aspecto³⁸.

Como consequência dessas ações que se generalizaram, a venda de exemplares avulsos se popularizou de tal forma que era possível ver, durante a década de 1880, os grandes jornais da cidade comercializarem seus exemplares nos mesmos moldes da *Gazeta de Notícias*, com exceção do *Jornal do Commercio*, que até aqueles anos manteve seu formato por assinatura. Assim, o jornal da Araújo, Mendes & C., fiando-se nessas inovações, chegou ao lucro líquido anual da ordem de 60:000\$000 (sessenta contos de réis) no ano de 1884, configurando-se como um negócio rentável³⁹. Não é negligenciável, por fim, o fato da comunidade portuguesa maciçamente anunciar nas páginas da *Gazeta*, estabelecendo-se como uma fonte de renda muito importante, o que ecoava possíveis articulações de Elysio Mendes. Para além dele, parte dos redatores também era de portugueses e a já mencionada atuação de Ferreira de Araújo como médico em mutuais não deixou de fortalecer esses vínculos, dando a dimensão concreta de como os laços entre a comunidade lusa e o jornal eram estreitos e geravam lucros⁴⁰.

Rodrigo Cardoso Soares de Araújo, em um trabalho de fôlego sobre a imprensa e os processos comunicativos que tomaram parte no Brasil, entre 1875 e 1891, se debruçou sobre muitas das questões apontadas até aqui. Especialmente no que se refere aos lucros das empresas jornalísti-

38 – ASSIS, Joaquim Maria Machado de. “A Semana”. *Gazeta de Notícias*, 6 ago. 1893, p. 1.

39 – “Gazeta de Notícias”, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1917, p. 1. [autor ilegível].

40 – RODRIGUES, Rita de Cássia. *Gazeta de Notícias: jornal fomentador da cultura e da literatura portuguesa no Rio de Janeiro. Letras Escreve*, v. 8, n. 1, p. 193-217, 2018.

cas, o autor analisa como as receitas dos jornais eram calcadas nas publicidades que veiculavam em suas páginas, bem como nas publicações pagas da seção “a pedidos”. Esses dois expedientes eram tão centrais para as folhas que, Quintino Bocaiúva, em apuros financeiros na direção d’*O Globo*, reclamava que parte das dificuldades do jornal advinha do fato de não aceitarem testas de ferro na publicação “a pedidos”, o que limitava os ganhos⁴¹. Esse filtro, estabelecido pelo próprio diretor, impedia que fossem publicados textos em nome de pessoas que não os escreveram, como a expressão popularmente sugere. Esses sujeitos, que emprestavam suas assinaturas, recebiam por esse expediente sob a responsabilidade de arcar com as eventuais repercussões que as peças provocassem, inclusive processos. Pelas reclamações de Bocaiúva, essa regra lhe custava caro. Não é difícil presumir que, ao restringir aquela seção, muitos dos sujeitos que a procurariam se dirigiam para outros periódicos e, assim, o jornal perdia receita direta e visibilidade, afetando inclusive os anúncios publicitários.

Se por um lado a administração financeira do jornal era importante, por outro a direção inovadora de Ferreira de Araújo revelou-se o carro-chefe que tornou possível a expansão do diário. Isso implica dizer que o médico conseguiu imprimir um sentido à redação do periódico que ia além dos momentos em que exerceu efetivamente o cargo de redator-chefe. Contando com a presença do taquígrafo Henrique Chaves e do engenheiro e dramaturgo Lino de Assumpção como redatores, ao menos a partir de 1877, Ferreira de Araújo insistiu por um arranjo que trouxe às páginas do jornal uma linguagem direta, simples, leve, capaz de comunicar aos diversos extratos sociais de leitores que a *Gazeta* finalmente pretendia alcançar⁴². Vários elementos do diário compunham essa arrumação. Estavam entre eles a escolha dos folhetins para os rodapés da primeira página e o cuidado com as análises e temas dos artigos de fundo, vetores que

41 – ARAÚJO, Rodrigo Cardoso Soares de, *op. cit.*, p. 188.

42 – Ver RAMOS, Ana Flávia Cernic. “Balas de estalo” de Machado de Assis: humor e política no Segundo Reinado. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 48, n. 2, p.151-170, jul./dez. 2008; MENDES, Leonardo. Biblioteca Galante: a Gazeta de Notícias e a popularização da pornografia no Brasil pós-1870. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, v. 9, n.1, p. 239-258, 2020.

deixavam às vistas parte das diretrizes editoriais do jornal. Eles poderiam ser escritos tanto pelos redatores quanto por colaboradores, assim como as crônicas, que não raro ocupavam o espaço do folhetim. Sobre elas, é importante destacar como são material privilegiado para acompanhar o periódico em sua relação direta com os acontecimentos mais imediatos que o cercavam, visto que tinham como característica central manipular o cotidiano apresentado nas páginas do próprio diário, como matéria-prima dos textos⁴³. Ainda nessa esteira, o jornal procurou sofisticar as formas de organização dos anúncios publicitários, colocando-os inclusive em meio ao noticiário, proporcionando destaques – e de quem se cobrava mais por esses expedientes –, além de ter sido pioneiro em inserir em suas páginas as chamadas *portraits-charges* de figuras públicas, feitas por Julião Machado já na década de 1890.

Diante desse cenário de constante mudança, não seria possível considerar que ele se fizesse de forma apartada das concepções políticas dos redatores e colaboradores, e que deixassem, de alguma forma, de incidir sobre as expectativas de atuação do diário na esfera pública da Corte. É o que demonstra Ana Flávia Cernic Ramos ao analisar a escolha da *Gazeta* de trazer em seu folhetim a tradução d’*O livro verde*, do escritor húngaro Mór Jokai⁴⁴. O contexto de sua publicação no jornal era imediatamente posterior à Revolta do Vintém, que abalou a cidade do Rio de Janeiro entre o final de 1879 e início do ano seguinte – e teve cobertura intensa da imprensa do Rio de Janeiro. De acordo com a autora, ainda que a obra de Jokai tratasse de acontecimentos da Rússia czarista, do início do século XIX, aos olhos dos leitores brasileiros ela se conectava diretamente à atmosfera de efervescência política e social local, ainda atravessada pelos

43 – Cf. RAMOS, Ana Flávia Cernic. Das batalhas literárias e sociais surge o “método”: escravidão, trabalho livre e migração nas crônicas de Machado de Assis. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 11, n. 23, jan./abr. 2018. SOUZA, Ana Paula Cardozo de. The misadventures of a narrator and his servant: Machado de Assis and the characters of “A Semana”. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, v. 4, n. 2, p. 606-628.

44 – RAMOS, Ana Flávia Cernic. Barricadas em rodapés de jornais: revolta popular e cidadania política na *Gazeta de Notícias* (1880). *Revista de História*, São Paulo, n. 179, p. 1-33, 2020.

ecos das conflagrações populares iniciadas por conta do imposto do vin-tém sobre os bilhetes de bonde.

O alcance do livro, dessa forma, extravasava em muito as fronteiras de sua história e a escolha da *Gazeta de Notícias* residia justamente nessa aposta de interlocução, que saltaria aos olhos dos leitores do Império, trazendo à baila temas caros sobre participação política e questionamentos ao funcionamento da monarquia. Nos meandros da análise, Ramos expande seu olhar para também acompanhar as idas e vindas na condução dos argumentos da folha durante aqueles meses de efervescência, que podiam ser vistos tanto através dos editoriais escritos por Ferreira de Araújo, na seção *Assuntos Diários*, como na publicação d'*O livro verde*. Assim, a autora põe em perspectiva esse afinamento do conteúdo do folhetim com as próprias diretrizes do jornal, e a maneira como ele seria lido de forma concatenada à conjuntura e à narrativa tecida nas páginas da *Gazeta de Notícias*. Dessa maneira, seria impossível desconsiderá-las como própria matéria formadora do jornal em suas muitas instâncias, inclusive para os folhetins.

A partir dos elementos apontados até aqui, pode-se afirmar que a *Gazeta de Notícias* se constituía, na década de 1880, como uma estrutura de veiculação de informação, literatura, publicidade e de produção de impressos em plena expansão. Observá-la, portanto, é um meio de se imiscuir no universo das empresas jornalísticas em ascensão, para alcançar também seus diversos trabalhadores – jornalistas ou jornaleiros. Não por acaso, foram os empregados da *Gazeta* os primeiros a organizar uma sociedade beneficente de um veículo de imprensa, exatamente no ano de 1880. A mutual tinha por fim atender a todo empregado ou ex-empregado, que continuasse com suas obrigações de sócio em dia, em caso de enfermidade momentânea, acidentes, doenças crônicas, necessidade de auxílio-funerário e consequente estabelecimento de pensão para cada uma das demandas. Diante dessa sociedade, é um desafio delimitar quais funções ocupavam os “empregados da *Gazeta de Notícias*”, como enunciava genericamente o estatuto aprovado na sessão do Conselho de

Estado do Império⁴⁵. Entretanto, de acordo com os valores pagos em benefícios aos seus sócios, pode-se ao menos vislumbrar quais seriam as classes sociais atendidas, que concluíssem valer a pena a relação entre os custos e os serviços prestados pela sociedade, ou vislumbraassem uma organização favorável por outros motivos, inclusive de organização de classe.

Os seus estatutos determinavam que, quando se atingisse o capital acumulado de 6:000\$000 (seis contos de réis) – seu nível ótimo do ponto de vista financeiro – a pensão às viúvas alcançaria o valor máximo de 10\$000 (dez mil réis). Em caso de enfermidade crônica que impossibilitasse o sócio ao trabalho, o valor da pensão chegaria a 30\$000 (trinta mil réis). Que esses valores não tenham sido pensados com base em um salário médio dos trabalhadores da *Gazeta* parece evidente. *O Repórter*, no ano de 1879, anunciava que pagava 30\$000 (trinta mil réis) mensais aos seus jornalheiros, “fossem, meninos, moleques, livres ou escravos”, e tal valor atraía justamente esses trabalhadores porque eram considerados muito baixos para a atividade de pessoas adultas, como demonstra Rodrigo Araújo⁴⁶. Entretanto, é razoável supor que, ao menos, tal valor tenha sido estabelecido pensando em oferecer condições mínimas de subsistência a esses trabalhadores e seus familiares em caso de necessidade, o que deveria cobrir despesas basilares.

Assim, é possível arriscar que os empregados que tomavam parte na sociedade seriam, *grosso modo*, aqueles que se empregavam nas funções básicas como contínuos nos escritórios, trabalhadores da distribuição, da revisão, das oficinas tipográficas, vendedores. Portanto, eles encontravam-se apartados do núcleo diretor do jornal, a redação propriamente dita, que no ano de 1881 contava com Ferreira de Araújo como editor-chefe, Henrique Chaves, Demerval da Fonseca, João Chaves, Maximino Serzedello, Alfredo Gonçalves, Oliveira Montauray Campello e Elysio

45 – Estatutos da Sociedade Beneficente dos Empregados da ‘Gazeta de Notícias’. In: BRASIL, *Coleção de Leis do Império*, 1880, Parte I, Tomo XXVII, p. 444-448.

46 – ARAÚJO, Rodrigo Cardoso Soares de, *op. cit.*, p. 211.

Mendes⁴⁷. Nota-se que Lino Assumpção já não compunha os quadros da *Gazeta* nesse ano e vale ressaltar que não deveriam ser considerados empregados os inúmeros colaboradores esporádicos da folha.

Foi sob essa configuração que a *Gazeta de Notícias* alcançou o capital de 500:000\$000 (quinhentos contos de réis) em 1889⁴⁸. Em 1891, quando se transformou em sociedade anônima, ela já havia se valorizado 400% em relação a esse valor e mais de 6500% em relação aos 30:000\$000 (trinta contos de réis) investidos inicialmente, nos idos de 1875. É um exemplo vigoroso das transformações pelas quais passou a imprensa entre a década de 1870 e o começo da República, mesmo que houvesse variações de periódico para periódico, sendo mais ou menos exitosas a depender das especificidades de cada folha. É importante assinalar que essa tendência de estruturação, sobretudo dos jornais diários, se afastava cada vez mais de um modelo de imprensa corrente durante o século XIX, jornais que em grande medida resultavam da iniciativa individual de determinado grupo ou sujeito, com objetivos circunscritos de promoção de determinada campanha, e que muitas vezes findavam com o esgotamento do projeto inicial⁴⁹. Assim, cada vez mais estruturava-se um modelo mercantilizado e multifacetado das empresas do mercado da informação, das letras e dos impressos⁵⁰.

47 – “Gazeta de Notícias”, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1917, p. 1. [autor ilegível].

48 – “Contratos Comerciais”, *Diário do Comércio*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 30 maio 1889.

49 – Ver SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1990, 4ª edição; BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil 1800-1900, op. cit.*

50 – Para uma análise do desenvolvimento da imprensa nos Estados Unidos, ver MOODY, Kim. A Gilded-Age Social Media: John Swinton, Joseph Buchanan, and Late Nineteenth-Century Labor Press. *Labor: Studies in Working-Class History*, v. 15, n. 1, 2018. Entre diversos aspectos, é interessante observar o destaque para o impacto da reorganização do sistema de Correios e desenvolvimento da malha ferroviária ocorridas após a Guerra de Secessão, ambos vitais para a circulação de informações entre veículos de imprensa, especialmente aqueles produzidos pela e para a classe trabalhadora. Já para o caso das grandes empresas jornalísticas, destaca-se ainda o papel transformador das agências de notícias, a partir do uso de telégrafos, um serviço caro e de acesso restrito.

Esse movimento não significava, porém, que outras formas de personalismos estivessem ausentes das empresas jornalísticas, ainda que boa parte de sua nova roupagem tivesse por base o discurso da neutralidade – resultado sobretudo da ascensão do jornalismo noticioso e da emergência das agências de notícias. Nesse cenário, o advento do telégrafo e seu uso cada vez mais acentuado pelos principais diários do Rio de Janeiro precisa ser destacado, por imprimir não apenas um novo ritmo possível à circulação da informação, mas também uma nova maneira de encarar e consumir a notícia, permeada pela retórica da precisão, atualidade, rapidez e, mais uma vez, neutralidade. Retórica essa que se batia, muitas vezes, contra a própria prática cotidiana inscrita nas páginas das folhas⁵¹. Da mesma forma, é preciso ressaltar que esse processo não decretou o fim dos pasquins, panfletos ou pequenos jornais. Tais expedientes permaneceriam ocupando a imprensa da Corte, e seriam especialmente presentes nas províncias, atravessando as primeiras décadas do século XX como características da imprensa nacional. A ambivalência desse período de transformação comportava, dentro de si, modos diversos e coexistentes de produção e organização da imprensa.

É fundamental destacar, assim, que a *Gazeta de Notícias* não estava sozinha nesse movimento tanto de reestruturação em sociedades mais amplas quanto de expressiva expansão de capital: o jornal *O País*, que desde o primeiro ano da década de 1890 sustentava em seu cabeçalho ser “a folha de maior tiragem e de maior circulação na América do Sul”, converteu-se em sociedade anônima em novembro de 1891; em 1890 o tradicional *Jornal do Commercio* foi vendido a José Carlos Rodrigues por 3.500:000\$000 (três mil e quinhentos contos de réis) e por ele transformado em uma sociedade de comandita, a partir de cotas para 28 acionistas; a *Cidade do Rio*, fundada por José do Patrocínio, aparecia num relatório do Ministério da Fazenda referente ao ano de 1894 com ações negociadas na

51 – Sobre o impacto dos telégrafos e das agências de notícias sobre o jornalismo diário no Rio de Janeiro, ver MATHEUS, Letícia Cantarella. Questões sobre o marco histórico do telégrafo no jornalismo do século XIX (1870-1900). *Revista Brasileira de História da Midia*, v.1, n.1, p. 41-51, 2012.

bolsa de valores a \$700 (setecentos réis)⁵²; a *Gazeta da Tarde*, que no início dos anos de 1890 constava como de propriedade de Luiz Ferreira de Moura Brito, em 1897 passou para propriedade do Coronel José Gentil de Castro e, já no dia 5 de janeiro do mesmo ano, aparecia como propriedade da Castro & Comp., sugerindo processo parecido com o que se passou ao *Jornal do Commercio*. Os exemplos são suficientes para apresentar o ponto, e a enumeração está no limite do enfadonho. O que convém destacar de novo é que, no bojo dessas transformações, verdadeiras empresas jornalísticas se consolidavam em retroalimentação com a reformulação de um mercado, e o ofício do jornalista consequentemente também se modificaria.

Érik Neveu, em um livro clássico sobre a sociologia do jornalismo, traz alguns apontamentos que captam justamente esse movimento, numa reflexão mais abrangente entre os modos de se fazer da imprensa. Ele trata dos contextos anglo-saxão e francês, mas suas colocações, com mediações necessárias, são valiosas para refletir sobre o Brasil oitocentista. O primeiro apontamento mira a lógica empresarial que tomou a imprensa da segunda metade do século XIX, e como tal dinâmica trouxe ao ofício do jornalista uma profissionalização quase forçada, especialmente nos Estados Unidos. O autor enfatiza que os barões da imprensa no período configuravam-se como verdadeiros capitalistas e que isso impunha ao contexto estadunidense racionalizações, técnicas, escritas normatizadas, capacidade de investigação que, lá, redundaria inclusive na criação de cursos de jornalismo nas universidades, ainda no final daquele século. Com uma dinâmica bastante diversa, Neveu também analisa o jornalismo na França e afirma que

Até o nascimento da imprensa popular na Belle Époque os jornais são feitos sem jornalistas: os artigos são redigidos por colaboradores. Mas eles não praticam essa atividade como um trabalho à parte, com suas próprias habilidades, sua lógica de carreira. Trabalhar para um jornal é uma posição de expectativa pelas verdadeiras carreiras da literatura e da política. Balzac descreve esse fenômeno em *Ilusões Perdidas* e,

52 – *Relatórios do Ministério da Fazenda*: anexos ao relatório apresentado ao Presidente dos Estados Unidos do Brasil, 1895, 7º Ano da República, p. 166.

ainda mais, em sua *Monografia da imprensa parisiense* (1843), que desenvolve uma tipologia de seus colaboradores de imprensa⁵³.

Os dois cenários oferecem pistas para análise do caso brasileiro, patentemente mais tardio. Se, por um lado, viu-se que os principais jornais da cidade do Rio de Janeiro se transformaram estruturalmente, por outro é bastante complexo captar como isso atravessou àqueles que de fato trabalhavam nas folhas, em suas muitas funções. Isso inclui pôr em perspectiva a diferença entre estes trabalhadores cotidianos e aqueles que trabalhavam em regime de colaboração, como indicou Neveu para o caso francês e que também se aplicava, a seu modo, para o caso brasileiro. É necessário escrutinar o ofício dos jornalistas.

Em dado levantado pelo *Diário de Notícias* em 1872 e já mencionado aqui, havia 253 folhas diárias e periódicas em atividade no Brasil, e ao se acompanhar a dinamização do mercado editorial do último quartel do século, esse número era ainda maior na década de 1890⁵⁴. De posse dessas informações, ao se recorrer ao *Almanak Laemmert*, que conjugava dados sobre a vida mercantil, industrial e administrativa, principalmente do Rio de Janeiro, encontram-se, para todo o período anterior a 1889, apenas três jornalistas em suas páginas. O primeiro é identificado na edição de 1874, como “escritor e jornalista” Félix Pacheco, na seção *Escritórios de redação, tradução e agência*⁵⁵. A segunda referência é de 1876. Nela, Carneiro de Campos aparecia como jornalista na seção permanente do periódico intitulada *Indicador*, que trazia a longa lista dos habitantes do Rio de Janeiro e de Niterói com nome, profissão e endereço⁵⁶. A terceira menção era de 1883, da província de Minas Gerais, que trazia “Manoel de Oliveira Andrade, Jornalista, Campanha da Princesa”⁵⁷.

53 – NEVEU, Érik. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 27.

54 – BARBOSA, Marialva, *op. cit.* Ver especialmente o capítulo IV – Jornais em tempo de mudança, p.117-123.

55 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 31º Ano, 1874, p. 565.

56 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 33º Ano, 1876, p. 36.

57 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 40º Ano, 1883, p. 158.

Após 1890 já não era mais possível contar com tanta facilidade a quantidade de sujeitos identificados como jornalistas, nas diversas seções da publicação, o que sugere uma franca mudança no entendimento do ofício. Ao reconhecerem-se jornalistas, ou serem reconhecidos como tal em um periódico que tinha entre seus intuitos colocar às vistas os profissionais diversos da Corte e arredores, uma nova percepção social parecia ter se forjado, com um conjunto de atribuições mais ou menos reconhecido, coletivamente, do que se tratava o ofício do jornalista, como uma profissão. Um exemplo patente dessa mudança aparece na alteração dos registros de Ferreira de Araújo. Apesar de o médico tomar parte na redação da *Gazeta de Notícias* desde a década de 1870, de ter se engajado de forma visceral na condução daquela folha, ele nunca figurou no *Almanak Laemmert* como outra coisa que não “Dr.”. Sua profissão reconhecida era a de médico. Vez ou outra aparecia referenciado por sua função nos escritórios da redação da *Gazeta de Notícias*, como redator ou redator-chefe, ou ainda como proprietário, mas nunca jornalista. Foi apenas em 1891, pela primeira vez, que ele apareceu na seção *Indicador* do *Almanak Laemmert* da seguinte maneira: “Ferreira de Araújo, Dr., jornalista, ausente, Europa, reside r. D. Luiza I (686, 2126, 2428)⁵⁸” [Grifo meu].

Outros exemplos importantes merecem ser trazidos e um deles é o do advogado negro Ferreira de Menezes, que aparecia entre os anos de 1877 e 1880 sob o registro “Dr. José Ferreira de Menezes, r. do Rosário, 68⁵⁹”, justamente na seção *Advogados*. Bastante ativo na imprensa e atuante como poeta e escritor, além de notório abolicionista⁶⁰, ele nunca fora identificado por jornalista pelo *Almanak*, nem mesmo após fundar a *Gazeta da Tarde* em 1880. Falecido em 1881, quem assumiu a propriedade e direção da folha foi José do Patrocínio, que até encarregar-se dessa função aparecia nas páginas do *Almanak* somente por sua atuação como

58 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 48º Ano, 1891, p. 162.

59 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 45º Ano, 1880, p. 666.

60 – Para um estudo detalhado sobre Ferreira de Menezes e José do Patrocínio, ver: PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de Liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas [SP]: Ed. Unicamp, 2018.

abolicionista. Em 1882, enfim, Patrocínio apareceria, pela primeira vez, relacionado à sua atividade jornalística, na seção *Jornais, revistas, etc.* da seguinte forma: “Gazeta da Tarde, propriedade de José do Patrocínio & C., redação e oficina r. Uruguaiana, 45. Comunicação telefônica 71⁶¹”. Nos anos seguintes, foi acrescentado que ele seria o redator-chefe e proprietário do periódico até, enfim, passar a propriedade total a seu sócio, em agosto de 1887. Com isso, Patrocínio seguiu para uma nova empreitada e fundou no mesmo ano o jornal *Cidade do Rio*, que só foi aparecer nas páginas do *Almanak* em 1893, como um órgão de propriedade da Empresa Jornalística Cidade do Rio. Já seu fundador esteve ausente dos registros até 1891, quando finalmente apareceu na seção *Indicador* dessa maneira: “José do Patrocínio, *jornalista*, Ouvidor, 74 e Europa (669, 685, 866)⁶²” [Grifo meu].

Esse pequeno conjunto de indicações vem para alicerçar a hipótese de que a década de 1890 é uma primeira culminância do longo processo de configuração do ofício do jornalista no Brasil, cada vez mais entendido a partir de determinações, e que assentia cada vez menos com uso vulgarizado do nome, enfileirado junto a muitas outras atribuições comuns aos polígrafos homens de letras, durante quase todo o século XIX. Era o que antes se via e pode ser evidenciado nessa descrição de uma figura renomada do Império, em 1881:

Necrológio das casas titulares

Visconde do Rio-Branco, José Maria da Silva Paranhos, Senador do Império, Conselheiro de estado, lente jubilado da escola Politécnica, Major honorário, dignitário da Imperial ordem do Cruzeiro, Comendador da Rosa, Grão-Cruz da legião de honra e diversas outras ordens estrangeiras. Jornalista distinto quanto distinto diplomata e consumado político, como deputado ao corpo legislativo, como senador e como ministro de estado e presidente do conselho de ministros

61 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 39º Ano, 1882, p. 399.

62 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 48º Ano, 1891, p. 275.

por várias vezes, a sua existência foi uma continuada luta patriótica, e nenhum varão soube elevar-se tanto ainda⁶³.

Percebida a composição de um novo quadro, ainda um tanto impreciso e com margens bastante permeáveis, tem-se que, apenas para a década de 1890, trabalharam na *Gazeta de Notícias* os jornalistas, registrados expressamente como tal no *Almanak Laemmert*, Olavo Bilac, Pedro Rabello, Henrique Chaves, Fernando de Castro, José de Castro Vianna e Benjamin Franklin Ramiz Galvão. Em outros jornais, como *O País*, estavam figuras como Quintino Bocaiúva e Arthur Azevedo⁶⁴, e o registro desse último é importante porque, pela primeira vez, conjugou-se em um mesmo indivíduo a função de literato e jornalista em seu *Indicador*⁶⁵.

Havia ainda, no próprio *Almanak*, uma segunda forma de perceber esse processo de expansão do mundo das letras e da imprensa nas últimas décadas do Império – bem como seu impacto na própria conformação do ofício do jornalista. A partir de 1882 iniciou-se uma nova seção chamada *Literatos, jornalistas e escritores de ciência e política*. Nela, aparentemente compilava-se de forma mais generalista os sujeitos que atuavam dentro dessa grande área, e não era possível saber quem, de fato, desempenhava uma ou outra das atividades do título da seção. De todo modo, no ano em que ela se iniciou, havia apenas nove indivíduos listados. Destes, cinco não traziam qualquer especificação, enquanto excepcionalmente os outros quatro eram todos identificados como redatores do *Cruzeiro*⁶⁶. No ano seguinte, em 1883, foram listadas 59 pessoas, algumas delas acompanhadas de especificações como botânico ou químico, muitas outras sem qualquer indício que pudesse identificá-las profissionalmente, e diversos nomes acompanhados dos periódicos em que atuavam. A

63 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 38º Ano, 1881, p. 71.

64 – Foi escritor que produziu como dramaturgo, poeta, contista, prosador, crítico literário e jornalista. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e irmão do também escritor Aluisio de Azevedo.

65 – *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 56º Ano, 1899, p. 1.258.

66 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 39º Ano, 1882, p. 408.

Gazeta de Notícias, Jornal do Comércio, O País, Mequetrefe, Cruzeiro, Gazeta da Tarde, Globo, Revista de Engenharia, União Médica, Revue Commerciale, Financière, Messenger du Brésil, Jornal dos Economistas, Família Maçônica, The Rio News, Brasil Católico, A Folha Nova e Revista Marítima Brasileira eram os que constavam devidamente associados aos sujeitos listados, mas não era possível saber, em nenhum dos casos, qual era a função desempenhada por eles⁶⁷. Mesmo Ferreira de Araújo, José do Patrocínio e Quintino Bocaiúva, acompanhados em maior ou menor grau aqui, estavam apenas justapostos às folhas que tomavam parte.

Apenas para seguir a progressão do quadro, em 1891, ano em que a *Gazeta de Notícias* se converteu em sociedade anônima, a lista contava com 75 nomes e novos periódicos listados. Chama a atenção que alguns deles existiam já de longa data e não constavam nas primeiras listagens, como a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, que apareceria secundando o nome do Conselheiro Tristão Alencar de Araripe.

Não há dúvidas, aqui, da incompletude dos registros apresentados nas páginas do *Almanak Laemmert* e não há qualquer pretensão de totalidade nas análises estabelecidas. Muitas ausências foram percebidas na composição do quadro de homens de letras do período e os motivos dessas faltas ou descontinuidades podem ser inúmeros. Entretanto, o trabalho de pesquisa nos registros apresentados funciona como um instrumento de mensuração, capaz de apontar mudanças na conformação da imprensa nos fins do Império e início da República. Sobretudo, esse movimento foi feito acompanhando a fundação da *Gazeta de Notícias* por meio de seus principais personagens, Ferreira de Araújo, Elysio Mendes e Manoel Carneiro, mas da experiência da *Gazeta* pôde-se extrapolar e concatenar outros sujeitos e periódicos, para desvelar alguns funcionamentos mais amplos. É importante encaminhar, sinteticamente, que os principais diários durante o último quartel do século XIX orientaram-se para a constituição de empresas que movimentavam cifras consideráveis, engendravam poder político por conta de sua capacidade de incidir sobre

67 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 40º Ano, 1883, p. 662.

a esfera pública e possuíam, ainda, grande alcance literário. Como parte desse movimento, eles fixaram-se sobre bases cada vez mais sólidas e estruturadas, o que impactou diretamente aqueles que trabalhavam na sua produção material, bem como aqueles que tinham por ofício a escrita.

Nesse contexto, a profissão do jornalista parecia estar em processo relativamente inicial de definição de seus contornos mais explícitos e específicos, cada vez mais conectados com aqueles que ocupavam as redações das empresas jornalísticas de forma diretiva e criativa, em graus variados, mas cotidianos. É necessário reafirmar, assim, o aumento exponencial do uso da própria palavra “jornalista” para identificar os indivíduos que desempenhavam funções determinadas, sobretudo a partir da década de 1890. Se durante o transcorrer de todo o século XIX era comum atribuir-se o título de jornalista àqueles que escreviam esporadicamente para algum veículo de imprensa, aos estudantes que escreviam para periódicos acadêmicos, ou ainda aos sujeitos que tomavam parte em jornais efêmeros e de alcance limitado – práticas que de fato permaneceram século XX adentro – havia mudanças em curso. É simbólico que, em 1884, o então redator-chefe d’*O País*, Quintino Bocaiúva, tenha proposto a criação do Club dos Jornalistas, a fim de estabelecer condutas e moralidades que considerava pertinentes ao ofício – e com o intuito claro de limitar a atividade dos pasquineiros, que não raro tinham origem nas oficinas tipográficas dos grandes veículos de imprensa⁶⁸.

Um último exemplo que vale ser citado é o de Olavo Bilac. O autor figurava na imprensa com destaque desde muito jovem, ao menos de meados da década de 1880, período que incluiu suas contribuições n’*A Semana*, da *Gazeta de Notícias*. Ele também havia sido acolhido por José do Patrocínio na *Cidade do Rio* onde não só publicou seus trabalhos literários, como se tornou correspondente da folha ao embarcar para a Europa em 1890⁶⁹, até finalmente ocupar o cargo de redator-secretário, em 1893, como evidenciava o cabeçalho do jornal. Foi apenas nesse ano, consequentemente, que ele figuraria pela primeira vez como jornalista no

68 – ARAÚJO, Rodrigo Cardoso Soares de, *op. cit.*, p. 169-170.

69 – *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, terça-feira, 24 set. 1889.

*Almanak Laemmert*⁷⁰, mais uma vez indicando que o ofício adquiria contornos profissionalizados, identificáveis e profundamente atrelados aos grandes jornais que se reestruturavam e que não dispensavam o trabalho nas redações. A passagem do Império para a República parece, dessa maneira, ter sido o ponto de mudança fundamental para a conformação do ofício dos jornalistas no Brasil.

Texto apresentado em outubro de 2020. Aprovado para publicação em janeiro de 2021.

70 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (RJ), 50º Ano, 1893, p. 316.